

# O DOSTOIÉVSKI DE LUIZ FELIPE PONDÉ

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. Ed. 34: São Paulo, 2003.

Diego Gomes do Valle<sup>1</sup>

*“O amor à Humanidade é inteiramente impossível sem a crença na imortalidade da alma humana. Os que querem substituir esta crença pelo amor à Humanidade depositam na alma dos que perderam a fé o germe do ódio à humanidade” (Dostoiévski, Diário de um escritor).*

*“Meu artigo é relativo à idéia mais elevada da vida humana: a necessidade, a indispensabilidade da crença na imortalidade da alma. Quis dizer que sem essa crença a vida humana se torna ininteligível e insuportável. Parece-me ter enunciado claramente a fórmula do suicídio lógico” (Dostoiévski, Diário de um escritor).*

*“Para Dostoiévski isto é fundamental: reconhecer que se pode matar pelo simples prazer de fazê-lo, ou para se livrar de uma dívida, é melhor do que afirmar que se está matando pela causa da humanidade” (Pondé, 2003, p.234).*

O livro de Luiz Felipe Pondé: *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski* é dos mais interessantes e suscitaria uma série de questões importantes, para as quais não tenho estofos sequer para formular corretamente os termos. Penso, por exemplo, na questão da Ortodoxia Russa, que, mesmo sendo uma bifurcação do Cristianismo, é-nos tão longínqua e incompreensível nos seus meandros como algumas doutrinas orientais ou outras já extintas.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP. E-mail: [dydydyego@hotmail.com](mailto:dydydyego@hotmail.com)

A ideia geral do livro é que Dostoiévski cria seus personagens tendo como base uma das ideias principais da Ortodoxia: a *des-graça* em que o homem se encontra. Se “o mundo jaz no maligno”, o homem, da mesma forma, só pode revelar alguma santidade se Deus assim permitir e “visitar” este animal (a ideia cara ao mundo ortodoxo de que o homem místico é um animal visitado por Deus). Sendo assim, todo homem, seja ele um religioso como Aliócha ou um ateu como Ivan, está em agonia existencial: para além das vicissitudes degenerativas (não nos esqueçamos: Starets Zózima, depois que morre, decompõe-se e fede). Ora, o homem é *imago Dei*, mas não é Deus.

No entanto, e aqui Dostoiévski nos é extremamente relevante para o momento atual, essa desgraça é substituída, pelo homem moderno, por uma crença antitética, isto é, na confiança de que o homem vive em graça e é capaz de proporcionar algo de relevante. Em certo momento, Pondé diz: “Tudo que podemos criar tecnologicamente é uma eternidade podre” (Pondé, 2003, p.40). Em outro, completa:

Para nós que vivemos numa época ‘abençoada’ pelas benesses da natureza e pela multiplicação vertiginosa de técnicas desenvolvidas para manipulá-la, transformá-la, melhorá-la, é fácil constatar essa repetição do caminho da lei da natureza na preocupação exagerada do indivíduo contemporâneo com a saúde e a juventude do corpo; no projeto de manter eternamente a operacionalidade biológica do corpo, muitas vezes à custa da própria maturidade psicológica ou espiritual, um processo que termina por construir e consolidar um ambiente de retardamento mental alegre, um projeto que busca, enfim, a imortalidade dentro da lei da natureza, sua eternidade podre (Pondé, 2003, p.109).

Essa ideia de “eternidade podre” é muito importante na crítica de Pondé. Os valores do homem, o *axioantropológico* a que Mário Ferreira dos Santos sempre alude em sua grandiosa obra, são contingentes demais para serem elevados ao estatuto religioso ao qual o homem moderno os eleva. São os valores do homem que recriam a religião de acordo com os seus humanos parâmetros: “uma religião humanista é uma religião que prega o homem no lugar de Deus, e horizontalidade é degradação; logo uma religião como essa só pode implicar em investimento na ideia de uma eternidade podre” (Pondé, 2003, p.184).

Se os valores do homem se elevaram, foi porque os valores eternos da religião foram colocados à margem, adquiriram uma importância relativa, aplicável a uma estrita parte de nossa existência. Aqui, Pondé reflete sobre a desimportância que a religião, seja lá qual for, adquiriu:

Principalmente para nós, pós-modernos do século XXI, pessoas esclarecidas, no sentido do Iluminismo, a religião não é considerada uma referência de conhecimento. Na verdade, ela não conhece absolutamente nada, pois quem conhece é a ciência. A religião, portanto, soçobra no mundo da moral, no da ética – esta palavra que nada mais significa em nossos tempos -, no da arte. Ou seja, a religião não tem legitimidade, pois não é ‘científica’. Quando me refiro a essa problemática, remeto-me ao cânone do conhecimento oficial. Para efeito de exemplificação, jamais levaremos um padre, um rabino, um pastor ou um médium a determinada instância judicial para falar acerca de algo que se abateu saber alguém e fez com que essa pessoa cometesse um crime. Pelo contrário, ouviremos um psiquiatra ou um psicólogo. Em outras palavras, enquanto houver esperança, não há religião (Pondé, 2003, p.48).

Este cânone ao qual Pondé se refere é o estreito e limitado alcance da ciência. Ciência essa feita de leis que se cumprem em situações hipotéticas muito específicas, mas que mesmo assim deixam resíduos que só podem ser compreendidos estatisticamente, probabilisticamente (como Bernard Lonergan explana magistralmente em seu *Insight*).

Essa crença no homem produz o desejo de felicidade, que ao homem moderno é superior às demais possibilidades existenciais que o homem possui.

A ideia de que a busca da felicidade humana, no plano da natureza, implica niilismo é porque a busca da felicidade humana é o motor do nada, é mal. Só deixa de produzir o nada quando é atravessada pelo sobrenatural – pela graça. E qual é a marca disso? São aqueles indivíduos capazes de pensar no outro, de estar totalmente voltados para o outro, nunca para si mesmos. Descentrados afetivamente, atravessados pelo *pathos* divino (Pondé, 2003, p.199).

Pondé chama de “alegria boba” e, mencionando Berdiav, relata:

O que ele defende não é uma forma de masoquismo religioso (o que a inteligência dogmática anti-religiosa adora pensar), mas sim que a denegação da angústia transcendente pelo movimento da alegria boba produz necessariamente um enorme sofrimento silencioso, que impede assim todo acesso, mesmo em termos de vocabulário, a um universo onde esse medo poderia encontrar eco para sua natureza essencialmente atormentada. A aparente opção pela agonia é, na realidade, um desdobramento da recusa de humanismo ridículo porque insustentável (Pondé, 2003, p.27).

Fica evidente que a religião não elimina a agônica condição humana, mas lhe dá meios de reflexão real. Em contraposição, a alegria boba que reveste o sofrimento silencioso só retarda o inevitável encontro com a morte. Pondé deixa claro seu posicionamento com relação à mencionada alegria:

Na verdade, o que critico é o bem-estar em relação à liberdade pós-moderna; a crença de que ela é uma utopia (consistente), que realizou a felicidade. Não podemos deixar de observar um mal-estar escondido na cara de quem diz que é feliz porque dança trinta horas por dia sem fazer mais nada (Pondé, 2003, p.156).

Em tempos que a ética é pensada num plano estritamente humanista, Pondé recorre ao escritor russo: “Todavia, vale lembrar que, para Dostoiévski, ética sem religião (tendência metateórica ativa mesmo na teologia ocidental hoje) é um tema absolutamente equivocado, que não leva ninguém a nada, isso porque, ao sairmos do universo religioso, entramos no universo do niilismo” (Pondé, 2003, p.64). Basta que nos lembremos de Kirílov, que “se torna Deus” ao se suicidar; ou Raskolnikov, que funda uma nova moral, aplicável somente a sujeitos, obviamente, como ele.

O filósofo brasileiro trata também de um tipo de humanismo autoajuda que contamina a pedagogia, a educação como um todo, sempre tendo em vista o postulado que diz que o homem é intrinsecamente agraciado, inclusive pela sabedoria:

Os pavores, aos quais fiz referência acima, podem ser identificados quando, por exemplo, grande parte dos educadores e pais lamenta a destruição da educação, o descrédito desta para os alunos e a sociedade, e a falta de

respeito para com os pais em geral. Na minha opinião, esse fenômeno é produto direto dos próprios ‘reclamantes’: os jovens alunos e filhos apenas aprenderam bem a lição desses professores e de seus pais (quando eles existem e não estão todos ocupados em exercitar seus direitos de serem felizes simplesmente recusando a responsabilidade de educar seus filhos). Refiro-me a toda série de pseudoteorias psicológicas e pedagógicas que na realidade existem somente para justificar a simples preguiça, esteticamente legitimada, que constitui um dos sintomas do humanismo ridículo (Pondé, 2003, p.30).

É a ideia que a educação pode ser suprimida (entenda-se: a autoridade responsável pode ser relativizada) em nome de um hipotético valor de uma nova geração. Sobre essa questão da geração de velhos que não se assumem como tal, são liberais com relação aos filhos, Pondé cita o pai de Piotr, de *Os demônios* como um exemplo:

Através de Piotr, o autor mostra que a geração dos liberais, como o pai, Trofimovitch, faz isso por não suportar a responsabilidade de assumir o que pensa, o que sabe e o que conhece. Parece-me que essa crítica de Dostoiévski é bastante séria. Ele inicia e desenvolve grande parte do livro com a figura do pai, como responsável pela construção do niilismo (Pondé, 2003, p.244).

Este é o próprio mote do romance *Os demônios* - ou *Os possessos*, que dá uma ideia mais clara da alusão bíblica do possesso que tem seus demônios expulsos, os quais vão parar numa manada de porcos. Estes porcos são a geração que recebeu de seus pais os demônios expulsos. Na passagem bíblica, esta manada se precipita

no mar por um despenhadeiro e morre; temos uma ideia do que podemos esperar desta geração revolucionária representada no romance de Dostoiévski.

Pondé segue mostrando o resultado, na prática, i.e, na ficção dostoiévskiana, de uma geração de “porcos possessos”:

Já Piotr não foi dissolvido internamente; colocou o mal para fora e, nessa medida, percebeu que é melhor para ele que os indivíduos acreditem no relativismo, na educação liberal, pois assim ele pode apresentar qualquer coisa como bem-intencionada que os indivíduos o seguirão. Para ele é fundamental que as pessoas não acreditem mais no mal, que a relação entre pais e filhos não exista. Os filhos têm de desconstruir os pais, pois, dessa forma, o caos se instala, não havendo possibilidade de hierarquia, tradição e conhecimento (Pondé, 2003, p.244).

Vivemos em tempos, e aqui a crítica é de Pondé e de Dostoiévski ao mesmo tempo, em que o sofrimento deixou de ser uma possibilidade existencial, por meio da qual podemos sair dela superiores. No entanto, é condição nossa o sofrimento: “O ser humano tem de passar pela decomposição, pela dor, não há como recusar o mundo: é preciso aceitar e atravessar o mundo” (Pondé, 2003, p.182). Até mesmo a religião moderna levou a sério esta profilaxia existencial: “Antes de falar de remédio, é necessário aprofundar a dor até o fim. O erro do pensamento religioso moderno está exatamente em ter pulado o sofrimento para ir direto ao remédio” (Pondé, 2003, p.229). Em outro momento, Pondé complementa: “A ideia de que haja algum sentido no sofrimento, na desgraça, na dor, é totalmente absurda para a modernidade, pois para o homem moderno o valor está na autoestima, no direito à felicidade etc” (Pondé, 2003, p.259).

Fica claro, então, que

Na obra de Dostoiévski é fundamental essa experiência da desorientação da autonomia, essa agonia do pensamento vagando e percebendo que não é capaz de se autofundar. A liberdade é problemática porque é sem fundamento. E a aventura do ser humano, na realidade, é descobrir que não tem fundamento: a não ser Deus, ele não tem nenhum fundamento (Pondé, 2003, p.190).

A liberdade em Cristo é sacrificar seu livre-arbítrio para ser atravessado pelo *pathos* divino, ser visitado por Deus. É antes de tudo uma escolha pela heteronomia, que é contrário da autonomia. É reconhecer que o que o próprio homem pode *se* proporcionar é muito pouco para retirá-lo de sua condição agônica.

### **REFERÊNCIAS**

Fiódor Dostoiévski. *Diário de um escritor*. Trad. E. Jacy Monteiro (Introdução de Otto Maria Carpeaux). Rio de Janeiro: Estrela de Ouro, 1957.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. Ed. 34: São Paulo, 2003.